

3ª PARTE

Prosa de Ficção

NA VILA

Teoberto Landim

Sentado numa pedra. Felizardo esgaravata o chão nos seus dias de eterna ociosidade. Hoje, pelo que se lia nos seus olhos esbugalhados e vermelhos, amanheceu com o cão nos couros, como dizia D. Chaga. Mas a ignorância que o dominava mais parecia a inocência de uma criança num rapaz quarentão. Tudo porque Zefinha lançou pela janela do quartinho uma bacia d'água molhando-lhe a calça já surrada, a única que tinha para ir à escola, toda noite.

— Oh! Feliz, não foi porque eu quis, desculpe, meu filho.

Apanhando a calça, torceu-a, a estendeu-a novamente na grama.

— Se, se ela não enxugar!... como é que eu vou pra escola?

— O que é que tem? você não vai morrer, vai?

— Tu me paga, Porra! tu me paga...

Zefinha, com intenção de agradar e ao mesmo tempo com a costumeira leviandade, quis abraçá-lo dizendo:

— Olha, querido, se não enxugar você vai pra escola hoje, tá? e nós vai dar uma voltinha por aí, que tal a idéia? Anda, danado, deixa eu te dar logo um beijo por conta. Hoje eu vejo se você é Homem.

Feliz se sentiu humilhado, soqueando livrou-se bruscamente dos carinhos da Zefa, deu meia volta fungando como um boi bravo. Sua voz tremia, parecia muito cansado, mas não, ele estava era com raiva mesmo.

— Eu, eu que não faço conta dos beijos de uma puta, olha, eu já disse que tu e a Chicola deixassem de frescura comigo, eu termino descobrindo os pôde de vocês, eu não sou baú de ninguém!

D. Chaga, proprietária da vila, respeitada por todos os inquilinos, com sua voz altiva interrogava, se inteirando do acontecido. Zefinha tentou explicar, mas o Feliz falava alto, tão alto que aborreceu a velha. D. Chaga, num ímpeto gritou:

— Calem a boca, seus canalhas, assim eu quebro essa tora de pau na cabeça de vocês!

Zefinha dormia no quartinho vizinho a D. Chaga, onde antigamente era um boteco. As refeições fazia-as com a velha e, em troca, arrumava a casa, lavava as louças e banhava os meninos do Cão. Cão era o apelido do filho mais velho de D. Chaga. Chamava-se Luís. O apelido surgiu porque na oficina em tudo ele dava um jeito.

A oficina mecânica funcionava ao ar livre, vizinha do quarto da Zefinha. Enquanto o Cão trabalhava, a esposa jogava o “buraco” na casa do Chicó. Era tão apaixonante o jogo que esquecia o tempo passar, e Lucinha não era a exceção desta regra. A Zefa muitas vezes era quem lhe levava um cafezinho, um copo d’água pro Cão e assistia as crianças que choravam.

O soldador, Zé de Arlindo, declarou-se à Zefa. Neste dia ele estava de cara cheia. Zefa ia passando quando este disse-lhe coisas insinuosas, que a comprometiam na vizinhança. Como não obteve resposta, Zé de Arlindo xingou mais forte. Zefa, fugindo da confusão, pediu que a deixasse em paz. O soldador cheio dos paus zangado pelo silêncio que lhe dóia, prometeu-lhe soldar os pulmões. Zefa ficou chateada, não esperava que alguém soubesse que havia deixado o emprego para se tratar de um enfraquecimento. O raio X acusou uma mancha no pulmão esquerdo. Falou aborrecida:

— Faz favor, não fala mais comigo, tá! quando eu precisar de ti eu jogo um osso.

O Cão estava de espectador. Quando viu que a coisa não ia terminar bem, interferiu.

— Deixa a moça, Zé!...

— O que! moça... essa aí?!

— Seja que diabo for Zé, cala tua boca, não fala da honra de ninguém.

— Tá bom, quem falou não está mais aqui, pode ficar com ela, leva ela logo pra tua cama!...

O bate-boca com o Zé de Arlindo levou o Cão em casa beber um pouco d’água. Lá não encontrou a mulher.

— Ai que essa mulher não se lembra de almoçar não, Luciiinda! ... vem cá, desgraçada, num tá com fome não?

— Vou terminar só esta partida; vai botando a comida dos meninos que eu vou já...

Luís deu outro grito, desta vez mais forte, ela mais aborrecida ainda jogou as cartas na mesa e saiu. Pés no chão, cabelos em rebuliço, a boca sem os dentes superiores, tragava um forte BB. Em casa o Luís conversava com a Zefa e almoçavam com os meninos. Lucinda chegando em casa encontrou seu lugar ocupado:

— Pra que tu me chamou, num tá tão bem acompanhado?!

— Vai pro inferno, diabo, eu preciso de tu! eu tando com a Zefa eu vou te chamar a não ser por caridade, sucata velha.

Lucinda se ouviu não respondeu, e partiu cega para o jogo.

— Tu também, Chicó, só baixa trinca! uma canastra real dava para gente ficar vulnerado, nesta não dá mais, já tem uma dama, um curinga e o Rei; lá em casa os meninos, o Luís e a Zefa... almoçam juntos.

— V'embora Lucinda, tu tá dormindo, falando sozinha!

— Pó... que home vexado! taí um começo de jogo, me ajuda.

No fim de Vila as crianças riam, o Luís contava piadas, a Zefa ria se cuspiendo. Para os meninos e o Luís, Lucinha não fazia falta. Muito carinhosa com as crianças Zefa os fazia dormir depois.

— Aquela sucata não quer nada!

Com esta frase Luís foi decisivo. Pegou o resto de comida da panela e deu à cadela que espiava ansiosa.

Zefa reclamou:

— Num faz isso!

— Zefa, tu topa se amigar comigo, Zefa?

— Tá falando sério, Luís?

Luís fitava os olhos pequenos e fundos de sua amante. E da Vila do Sossego, como era conhecido aquele lugar barulhento, Luís e Zefa se passaram para a Vila União. O Feliz, não muito contente, cuidou de espalhar a notícia.